

## **A participação de atletas mulheres nos Jogos Olímpicos: a busca por equidade de gênero e a repercussão midiática no século XXI<sup>1</sup>**

Alicia Rufino SOARES<sup>2</sup>

Iluska Maria da Silva COUTINHO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

As mulheres disputam os Jogos Olímpicos desde a sua segunda edição em 1900, entretanto, apenas em Paris 2024, a equidade de gênero foi estabelecida no torneio. A partir da pesquisa bibliográfica e documental em portais jornalísticos, artigos científicos e páginas das instituições olímpicas, propõe-se nesse trabalho compreender como a mídia divulgou neste século os principais acontecimentos relacionados à presença feminina no torneio. Além disso, o artigo reflete sobre as consequências da ampliação dessa participação para a sua propagação midiática, o desenvolvimento da cobertura esportiva com a presença de atletas do sexo feminino e a sua popularização no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Olímpicos; Mulheres no Esporte, Jornalismo Esportivo, Revisão Bibliográfica, Estudo da Mídia.

### **INTRODUÇÃO**

Na Antiguidade, as mulheres eram impedidas de participar dos Jogos Olímpicos, até mesmo como espectadoras, com o argumento de que o torneio era destinado à virilidade, à fisicalidade e à honra do homem como herói. Dos atletas se exigiam características como tamanho corporal, força física e habilidade, então identificadas como atributos exclusivos do sexo masculino. Em sintonia com essa perspectiva, a inserção da mulher no esporte foi constantemente alvo de críticas, veiculadas especialmente pela mídia que, conforme indicam uma série de estudos (Miragaya, 2006; Firmino e Ventura, 2007; Guarnier, 2024), representava as atletas destacando suas características físicas e emocionais ao invés de seus atributos técnicos.

Alguns autores atribuem a iniciativas do Comitê Olímpico Internacional (COI) em conjunto com o Movimento Olímpico (federações esportivas internacionais, comitês olímpicos nacionais, veículos de transmissão e comissões organizadoras) a busca por maior igualdade no número de atletas, de voluntários e de colaboradores (Guarnier, 2024). A proposta deste artigo é compreender a divulgação dos principais eventos da

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Social no PPGCom-UFJF, email: [aliciarsoares@gmail.com](mailto:aliciarsoares@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Titular da Faculdade de Comunicação e do PPGCOM-UFJF, email: [iluska.coutinho@ufjf.br](mailto:iluska.coutinho@ufjf.br)

---

participação feminina nos Jogos Olímpicos pela mídia no século XXI, relacionando essa representação com a cobertura esportiva, o comportamento de sua audiência e a própria evolução da modalidade ao decorrer dos anos.

## **OS JOGOS OLÍMPICOS**

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna acontecem desde 1896, porém, as mulheres só passaram a participar do torneio na segunda edição, em 1900. Apenas 2,2% de quase mil atletas eram mulheres. Naquela época, as únicas 16 competidoras do sexo feminino tinham sua participação restrita à duas modalidades: tênis e golfe. Isso porque o Comitê Olímpico Internacional (COI) considerava esses esportes mais adequados para a preservação da sua beleza corporal, dos seus papéis sociais e da sua saúde reprodutiva (Rubio & Simões, 1999; Goellner, 2016).

O número de mulheres participantes dos Jogos Olímpicos aumentou de forma significativa a partir da década de 1960; era o momento da afirmação da entrada da mulher no mercado de trabalho, do movimento feminista e da revolução sexual. Também nesse contexto, a Guerra Fria se consolidava, a União Soviética e outros países do Leste passaram a participar do torneio, incluindo as mulheres em suas equipes. Como consequência, essa presença expandiu de 10,5% em 1952 para 20,7% em 1976 (Miragaya, 2006; Firmino & Ventura, 2017; Olympics, 2024).

Outro marco histórico da trajetória feminina nos Jogos Olímpicos foi a edição de 2012, em Londres. Descrita como “Os Jogos Femininos”, foi a primeira vez no torneio em que todos os países participantes tiveram atletas mulheres em suas delegações, com um dos maiores percentuais da história: 44% e 4.676 atletas. Nas edições seguintes, tanto no Rio de Janeiro (2016) como em Tóquio (2021), foram mais de cinco mil atletas (representando 45% e 48,8% respectivamente) (Masterson, 2024; Olympics, 2024).

Os Jogos Olímpicos de Paris 2024 serão a primeira edição com a mesma quantidade de atletas homens e mulheres. Isso ocorreu anteriormente apenas nos Jogos Olímpicos da Juventude 2018 em Buenos Aires e nos Jogos Olímpicos de Inverno da Juventude 2020 em Lausanne. Assim, dos 2,2% da primeira edição até os 50% desta, foram 47,8% de muita luta das mulheres em conjunto com iniciativas propostas pelo COI (Araújo et al., 2021; Masterson, 2024; Olympics, 2023).

---

## **COMPREENDENDO A PRESENÇA DAS ATLETAS OLÍMPICAS NA MÍDIA**

Segundo Silvana Goellner (2013), o esporte é uma prática social sexuada, já que é praticada por ambos os sexos, e também generificada, pois nele são construídas identidades masculinas e femininas. Entretanto, Pierre Bourdieu (2012) ressalta que a estrutura da sociedade expõe a dominação masculina a partir das divisões de atividades atribuídas ao homem e à mulher. Logo, a participação feminina no esporte pode desestabilizar as representações de gênero socialmente construídas (Goellner, 2016).

Além disso, os termos “igualdade de gênero” e “equidade de gênero” são distintos, com objetivos ímpares. O conceito de “igualdade” está relacionado ao oferecimento de oportunidades iguais a toda a sociedade, adequando-se ao princípio da universalidade (todas as pessoas regidas pelas mesmas regras e com os mesmos direitos e deveres). Já o termo “equidade” consiste em adaptar essas oportunidades ao que se considera justo às necessidades de cada indivíduo. Ou seja, a lei é aplicada de acordo com situações particulares, além do seu caráter abstrato e geral (Lopes, 2023).

Para identificar todos os acontecimentos relevantes da linha do tempo da participação das atletas nas Olimpíadas, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental nos sites oficiais do Comitê Olímpico Internacional (COI), em portais jornalísticos online e em artigos de pesquisadores da área. No âmbito desse artigo, a proposta é, a partir dessa investigação, entender não somente a transformação dos eventos esportivos, mas também como os veículos da mídia cobriram a presença das mulheres nas Olimpíadas, com destaque para a repercussão da opinião do público sobre essa participação, a partir dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A mídia nem sempre esteve presente no cenário dos Jogos Olímpicos. A primeira demonstração disso ocorreu em Paris 1924, por meio de placas de propaganda, já a cobertura jornalística no rádio e na TV começou a ser realizada na década seguinte. No geral, a representação da mulher atleta no século XX quase sempre esteve relacionada aos seus atributos físicos e emocionais em detrimento das conquistas esportivas, apresentando estereótipos à sociedade. Além disso, a sua visibilidade nos meios de comunicação era inferior a dos atletas do sexo masculino (Soares, 2024).

---

No Brasil, as mulheres foram proibidas de praticar esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza” entre 1941 e 1979, após a instauração do Decreto-Lei 3.199 do Conselho Nacional de Desportos (CND). Essa proibição sucedeu tanto no atraso no desenvolvimento das modalidades femininas como no estranhamento do público com essa ideia e na conseqüente falta de espaço e de visibilidade nos veículos de comunicação (Mendonça, 2019).

A interação entre mídia e esporte comumente apresentava expectativas tradicionais relacionadas à existência de esportes masculinos, como futebol e hóquei, e esportes femininos, como ginástica olímpica e nado sincronizado. Quando as mulheres praticavam esportes considerados masculinos, os meios de comunicação não destacavam sua performance atlética. Contudo, nas modalidades “adequadas”, o foco era em suas apresentações técnicas, resultando também em comentários do público sobre as suas características físicas (Knijnik e Souza, 2004).

Os Jogos Olímpicos de 2016 aconteceram no Rio de Janeiro e foram amplamente divulgados pela imprensa. Apesar do constante aumento da participação da mulher no torneio, as mídias tradicionais continuaram com os mesmos focos na representação conforme o gênero, apresentando características físicas e emocionais e contando histórias de superação em relação à jornada dupla feminina (como esposa e mãe) e até mesmo sobre relacionamentos afetivos (e sua orientação sexual). Por outro lado, essas representações expressavam menos preconceito e discriminação quando comparadas àquelas registradas no século XX (Goellner, 2016; Homem, 2017).

Tanto na edição de 2016 como em Tóquio (2021), os veículos de comunicação destacaram as conquistas das mulheres, apresentando perfis de atletas conhecidas como Ana Marcela Cunha, Rebeca Andrade e Rayssa Leal. O seu reconhecimento também foi salientado quando performaram de maneira superior aos homens do mesmo esporte. Alguns estudos destacam, por exemplo, a comparação realizada em 2016 entre os desempenhos de Marta e Neymar (Fornari et al., 2019, 2022).

Para esta edição, estão garantidos 237 atletas brasileiros, sendo 137 mulheres, 93 homens e sete hipistas com gênero a definir. Será a primeira vez que o Brasil terá mais mulheres do que homens, decorrente da não classificação das seleções masculinas de futebol e handebol. Em consonância, os veículos de comunicação também estão promovendo a diversidade de gênero. A TV Globo, por exemplo, aumentou a

---

participação de mulheres de 15% em 2019 para 43% em 2024, incluindo ex-atletas olímpicas como Daiane dos Santos e Fernanda Garay (Fillipe, 2024; Knoploch, 2024).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com a discriminação constante da sociedade e da própria mídia, as mulheres conquistaram o seu espaço no esporte e atingiram a equidade de gênero no principal torneio mundial. Apesar da representação midiática ainda focar em seus atributos físicos e emocionais acima de suas conquistas no esporte, é disseminada uma imagem menos discriminatória, que contribui para que o público acompanhe a modalidade e torça pelo sucesso das atletas.

Para a edição de Paris 2024, a comissão organizadora desenvolveu um calendário que garantisse o equilíbrio entre os gêneros nas sessões do horário nobre, a fim de promover o esporte feminino principalmente entre os jovens — que não possuem ideias estereotipadas sobre gênero em relação às gerações anteriores. Espera-se que os veículos de comunicação também busquem maior igualdade tanto na transmissão dos eventos como em sua cobertura dos acontecimentos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Erick Thiago Cardoso et al. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS. *EnPE*, v. 8, n. 1, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- FORNARI, Lucimara Fabiana et al. Perspectiva de gênero nas reportagens sobre mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 28, 2019.
- FORNARI, Lucimara Fabiana et al. Mulheres atletas nas Olimpíadas de Tóquio 2020: olhares da imprensa escrita brasileira. *Comunicação & Inovação*, v. 25, n. 53, p. 109-126, 2022.
- FIRMINO, Carolina Bortoleto; VENTURA, Mauro de Souza. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, v. 5, n. 10, 2017.
- FILLIPO, Marina. Olimpíadas de Paris: pela 1ª vez, 43% das transmissões na Globo terão a participação de mulheres. *Exame*, 2024. ESG. Disponível em: <https://exame.com/esg/olimpiadas-de-paris-pela-1a-vez-43-das-transmissoes-na-globo-terao-a-participacao-de-mulheres/> Acesso em: 27 jun. 2024.
- GUARNIER, Laura. Olimpíadas de Paris 2024: a igualdade de gênero construída. *Economia do Esporte de Mulheres*, 2024. Disponível em:

<https://esportedemulheres.blog/2024/06/20/olimpiadas-de-paris-2024-a-igualdade-de-genero-construida/> . Acesso em: 22 jun. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. Tempo, v. 19, p. 45-52, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 108, p. 29–38, 2016.

HOMEM, Tatiana Bispo. Representação das atletas nos Jogos Olímpicos de 2016: uma análise da Revista AzMina e do Globo Esporte. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) na Faculdade de Artes e Letras - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2017.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira; In: Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (orgs). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 191-212)

KNOPLUCH, Carol. Paris-2024: Brasil pode ter a menor delegação desde os Jogos de Londres. O Globo, 2024. Olimpíadas. Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/esportes/olimpiadas/noticia/2024/06/26/paris-2024-brasil-pode-ter-a-menor-delegacao-desde-os-jogos-de-londres.ghtml> Acesso em: 28 jun. 2024.

LOPES, Thays Batista. A diferença entre igualdade e equidade: o desafio da justiça social. Politize! 2023. Cidadania, Cultura e Sociedade. Disponível em:  
<https://www.politize.com.br/igualdade-e-equidade/> Acesso em: 27 jun. 2024.

MASTERSON, Victoria. How Paris 2024 aims to become the first-ever gender-equal Olympics. World Economic Forum, 2024. Disponível em:  
<https://www.weforum.org/agenda/2024/04/paris-olympics-2024-gender-parity/#:~:text=For%20the%20first%20time%20in,on%20the%20field%20of%20play> . Acesso em: 22 jun. 2024.

MIRAGAYA, Ana. As mulheres nos Jogos Olímpicos: participação e inclusão social. Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social, v. 1, p. 229-231, 2007.

MENDONÇA, Renata. Como elas chegaram lá. UOL, São Paulo, 8 mar. 2019. Disponível em:  
<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/como-elas-chegaram-la/#cover> Acesso em: 23 jun. 2024.

PARIS 2024: The first Games to achieve full gender parity. Olympics, 2024. Disponível em:  
<https://olympics.com/en/news/paris-2024-first-games-to-achieve-full-gender-parity.9> Acesso em: 22 jun. 2024.

RUBIO, Kátia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas-A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. Movimento, v. 5, n. 11, p. 50-56, 1999.

SOARES, Alícia. A evolução das ferramentas jornalísticas na cobertura dos Jogos Olímpicos: uma análise do Olympic Broadcasting Services (OBS). In: 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Barbacena. Anais de Congresso. 2024.

WOMEN in the Olympic Movement. Olympics, 2024. Disponível em:  
<https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Olympic-Movement/Factsheets/Women-in-the-Olympic-Movement.pdf> Acesso em: 27 jun. 2024.